

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A elite babilônica durante a formação dos selêucida: dinâmicas da integração imperial a partir dos diários astronômicos

Santiago Colombo Reghin.¹

Mestrando na Universidade de São Paulo (USP)

santiago.cr@usp.br

Nesse Simpósio Temático, pretendo apresentar parte do terceiro capítulo da minha dissertação, ainda em andamento. Meu objetivo geral com a dissertação é investigar a elite sacerdotal babilônica durante a formação do Império Selêucida (finais do Séc. IV e início do III AEC).² Para tal, primeiramente, destaco as estratégias imperiais de anexação e engajamento com a cultura local, principalmente através das imposições e manipulações realizadas na organização da elite sacerdotal. Em seguida, foco, por um lado, no modo como a elite local interpreta e representa esse processo de anexação nos seus registros e, por outro lado, qual seu papel e agência na formação do império selêucida. Aqui, concentrar-me-ei em um recorte dessa primeira parte, restringindo-me a um corpus de fonte, os diários astronômicos, para debater os seguintes tópicos: os contextos de visitas reais à Babilônia, quais instituições e cargos administrativos imperiais são instaurados e qual o nível de interferência nos assuntos locais.

Antes de adentrar na análise dos diários astronômicos, faz-se necessário apresentar de forma breve os debates historiográficos envolvendo o nosso tema.

1 História e historiografia dos Selêucida e a Babilônia.

A formação do Império Selêucida se dá na conjuntura do violento período de guerra entre os generais de Alexandre, que buscavam estabelecer-se como sucessores desse último. Em junho de 323 AEC, Alexandre morre na Babilônia deixando um território da Grécia à Índia sem um sucessor definido. As diversas satrapias que compunham esse território foram divididas entre seus generais e indivíduos mais próximos. Seleuco, o qual

¹ Bolsista FAPESP, processo número 2020/04735-9.

² Para as datas da história antiga, a abreviação AEC indica “Antes da Era Comum”.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2

fora general de infantaria sob Alexandre, foi recompensado como satrapa da Babilônia, na partição de Triparadiso, por arquitetar a morte de Pérdicas. Após melhor se estabelecer no território em 312 AEC com a ajuda de Ptolomeu, Seleuco expande o seu império. Por volta de 307, Seleuco, seguindo o movimento de Antígono e Ptolomeu, proclama-se rei (*βασιλεύς*) do seu território, e não mais um general ou satrapa (Cf. BOIY, 2004, p. 104–157; ERRINGTON, 2008; KOSMIN, 2014, p. 16–24). Antes de utilizar os diários astronômicos para analisar os efeitos e relações da expansão macedônica na Babilônia, precisamos considerar um longo debate historiográfico sobre o tema. Para propósitos didáticos, irei simplificar as posições dos historiadores em dois paradigmas.

O primeiro paradigma, consolidado em meados do séc. XIX, é o da mudança radical. Um autor central para tal é Johann G. Droysen, onde, no seu livro *Geschichte des Hellenismus* (1877, p. 7),³ concebeu o período depois da morte de Alexandre como constituindo um novo momento político e civilizacional, chamado *Hellenismus*. A principal característica desse período, segundo Droysen, é a fusão (*Vermischung*) entre gregos e não gregos, oriundas da reorganização política provocada pela conquista das terras orientais por Alexandre e continuada pela formação dos reinos helenísticos. Droysen se distingue dos autores anteriores ao interpretar o período não como decadente, mas como de alta importância para o estabelecimento das bases da transição do paganismo para o triunfo do cristianismo, através da síntese da civilização grega com as culturas orientais (MOYER, 2011, p. 11).⁴

Dentro desse quadro de fusão, Droysen (1877, p. 67) considerava a Babilônia e a Mesopotâmia em geral como uma “Macedônia asiática” (*asiatisches Makedonien*). Isso porque esse espaço foi visto como altamente receptivo à nova civilização helenística, difundida principalmente através das novas cidades e assentamentos selêucidas. Uma evidência do autor para esse o argumento é a *Babyloniaca*, historiografia escrita em grego

³ A primeira edição do livro é de 1836, porém a reedição de 1877 é a mais utilizada, inserindo o livro *Geschichte Alexanders des Großen*, de 1833, como a primeira parte da reedição.

⁴ Antes do termo ‘Período Helenístico’ entrar em voga, Niebuhr, historiador influente para Droysen, nas suas aulas denominadas *Vorträge über alte Geschichte*, caracterizou o período de dominação macedônica como uma decadência (*Untergang*) da antiga cultura grega, dando uma valoração moral negativa à mistura (NIEBUHR, 1851, p. 360–362).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

3

por um sacerdote babilônico chamado Berossus, demonstrando o abandono da língua local e o diálogo com a literatura e cultura helenística (DROYSEN, 1877, p. 74–75).

De formas variadas, outros autores continuam a perspectiva de Droysen, ao entender que os Selêucidas levaram uma nova civilização ao Leste, como Willian W. Tarn (1938) e Edwyn R. Bevan.⁵ Esses autores utilizam fontes majoritariamente advindas da literatura clássica, como Apiano, Arriano, Estrabão, Políbio, Justino, entre outros. Desse modo, a Babilônia helenística e o Império Selêucida eram enquadradas dentro do campo dos estudos clássicos. Mesmo assiriólogos do séc. XX, como Wolfram von Soden (SODEN, 2014, p. 147–148 [1954]) e Wilfred G. Lambert (1965), enxergam o período como marcado por uma ruptura radical com o passado mesopotâmico.⁶

Na segunda metade do séc. XX, um novo paradigma ganha espaço, mais focado na continuidade das culturas locais. Ele é motivado, principalmente, pelas novas fontes do Leste helenístico, recuperadas através das escavações de Ai-Khanoum, Sárdis e Failaka; da descoberta das *Bullae* de Selêucia no Tigre, moedas, óstracas, selos e terracotas selêucidas; e, de maior importância para o presente texto, das publicações e tradução de diversos tabletas cuneiformes, incluindo os diários astronômicos. As principais publicações que integram essas fontes foram impulsionadas por Sherwin-White e Amelie Kuhrt, ao editarem o livro *Hellenism in The East* (1987), que traz estudos de caso da região oriental do império por diversos autores, e pela publicação do livro *From Samarkhand to Sardis* (1993), apresentando um estudo mais aprofundado da história e estruturas gerais dos selêucidas. Em ambos, Sherwin-White e Amelie Kuhrt argumentam por duas reconfigurações do campo de estudos selêucidas: primeiro, a necessidade de uma análise interdisciplinar, incluindo principalmente os assiriólogos e iranólogos, para perceber a interação de diferentes culturas pertencentes ao território imperial; segundo,

⁵ Bevan, , no seu livro *The House of Seleucus* (1902), compara a expansão selêucida com processo colonial inglês: “Nós podemos dizer, então, com a mais perfeita verdade que o trabalho feito pelas nações europeias, especialmente pela Inglaterra, no Leste é o mesmo trabalho que foi iniciado pela Macedônia e Roma, e desfeito pelas invasões barbas da Idade Média. A civilização que pereceu na Índia com o fim dos reis gregos retornou com os oficiais ingleses” (BEVAN, 1902, p. 1.19).

⁶ . Lambert afirma que o período de independência da Babilônia em meados do primeiro milênio foi “um vislumbre do avivamento espiritual que acompanhou a explosão final da glória babilônica antes de afundar no mar do helenismo” (1965, p. 4).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

4

por uma recentralização dos selêucidas no seu verdadeiro núcleo político, social e econômico: o contexto mesopotâmico e iraniano. Esses argumentos foram embasados no novo conjunto de fontes, o qual mostrou a intensidade dos usos da terra, flutuações demográficas, e, em certos casos, uma visão a partir de baixo sobre a relação dos locais com o império (KUHRT e SHERWIN-WHITE, 1993, p. 3). O principal impacto da análise para a historiografia foi a afirmação da semelhança estrutural dos selêucidas com outros impérios orientais, principalmente o Império Aquemênida e Neobabilônico, percebendo-o como herdeiro desses últimos.

É importante ressaltar que os estudos de síntese sobre os selêucidas realizados pelas autoras estavam embasados em publicações prévias, que já tentavam contrabalancear a mudança afirmada pelo paradigma anterior através de estudos mais específicos. No caso da Babilônia, Olesner (1978, 1978) e Spek (1993a; 1985) apontavam para a continuidade nas construções, cultos, produções intelectuais e nos modos de se relacionar com o império. Pierra Briant também foi um autor importante, pois sua análise detalhada do Império Aquemênida possibilitou diversas identificações de semelhanças com os impérios macedônios. O próprio autor considera Alexandre como o “o último dos aquemênidas” (BRIANT, 2002, p. 876, 2016), e, rapidamente, a historiografia posterior e o próprio Briant estenderam essa analogia para o império selêucida.⁷ Desse modo, o paradigma da continuidade minimiza o efeito de helenismo nas comunidades locais e nega a identificação exagerada dos selêucidas como adeptos e propagadores da cultura grega.⁸

Recentemente, existem diversas tendências de interpretações que questionam os posicionamentos dos paradigmas anteriores. As afirmações sobre continuidade ou ruptura realizadas de maneira mais categórica são vistas de forma mais céticas do que anteriormente. Os autores procuram de um modo mais cuidadoso balancear essas duas

⁷ As principais continuidades foram identificadas na adoção do sistema de satrapia por Seleuco e do seu uso de estratégias políticas e ideológicas do “Grande Rei” para se aliar às elites locais, vide o título “Rei da Terra” (e não estrangeiro) atribuído pelos babilônios tanto aos reis aquemênidas quanto aos selêucidas (BRIANT, 2002, p. 876).

⁸ Para um debate mais aprofundado sobre os paradigmas de interpretações do período helenístico, dos selêucidas e da Babilônia helenística, Cf. Ma (2008), Strootman (2012, 2020) e Monerie (2018, p. 181–184), respectivamente.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

5

tendências para investigar a expansão de Alexandre ou as estruturas do Império Selêucida (Cf. FOX, 2007; TUPLIN, 2009), ou mesmo propõem abandonar esses dois conceitos e pensar o império mais a partir do seu presente do que da referência ao seu passado (Cf. STROOTMAN, 2012). Seguindo o movimento da história global (Cf. MORALES; SILVA, 2020), diversos estudos buscam uma visão mais ampla, tomando o mundo helenístico como uma totalidade integrada, que compartilha práticas e referências culturais (Cf. STROOTMAN, 2007; VLASSOPOULOS, 2013). Esses estudos destacam o papel dos impérios como *hubs* de conexões entre as tendências globais e as comunidades locais (Cf. STEVENS, 2019; STROOTMAN, 2020; VERSLUYS, 2017). Mais especificamente para a Babilônia helenística, autores como Julien Monerie e Philippe Clancier, diferentemente de perceber a região como pouco afetada pelas questões políticas do período, argumentam por uma crescente interferência do império no controle do templo e administração das finanças locais, assim como a promoção das instituições culturais e políticas gregas (CLANCIER, 2012; CLANCIER; MONERIE, 2014; MONERIE, 2012a, 2012b, 2018). Para a análise dos diários astronômicos, concentramos-nos apenas em um recorte dessas tendências.

2 Os diários astronômicos

Os Diários Astronômicos ou *našārum ša ginê* (observações regulares), como os babilônios os denominavam, são um grupo de tabletas escritas em cuneiforme na cidade da Babilônia pelos sacerdotes do templo de Esagila, mais especificamente por aqueles interessados nos registros celestes, denominados nos períodos tardios como *tupšarrū Enūma Anu Enlil* (ROBSON, 2019a, p. 133). Esses tabletas registram observações relativas aos movimentos e posições dos corpos celestes, fenômenos astronômicos, dados econômicos relativos ao mercado local, nível dos rios e relatos históricos.

A produção dos primeiros diários começou entre meados do séc. VII e VI a.C., com o interesse dos babilônios em apresentar um material astronômico e histórico através de uma estrutura analista. Eles não surgiram com uma forma definida, já que na fase inicial os critérios para definição dos fenômenos de interesse, os conceitos utilizados, a precisão

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

6

dos registros e a ordem das informações ainda se modificaram. Os registros astronômicos do séc. VIII a.C. apresentam informações muito diferentes dos textos posteriores, não cabendo classificá-los como diários. Somente no séc. VII a.C. os tabletas com semelhanças aos dos séculos seguintes começam a aparecer, denominados pelos assiriólogos de “proto-diários” (STEELE, 2019, p. 46). O que poderíamos considerar uma “forma final” foi primeiramente atestada no AD -567, durante o final do reino de Nabucodonosor em 568 a.C., constando com uma ampla gama de fenômenos astronômicos, as equivalências de mercado, a mensuração do nível do rio e as informações históricas (STEELE, 2019, p. 48). Após o AD -567 a forma e a frequência dos registros se tornaram mais ou menos constantes.⁹

Aqui, concentrar-me-ei apenas na última parte dos diários astronômicos, ou seja, os registros historiográficos mensais. Essa parte busca explorar a vida na terra (*ina māti*) concernente a duas áreas: primeiro, os eventos políticos e religiosos centrados no entorno da cidade da Babilônia, como ocorrência e impedimentos de festivais, assuntos do culto e do templo de Marduque, e ações dos sacerdotes; segundo, os diários traçam os movimentos do rei, seu exército e representantes ao longo e além do império, assim como o momento e ocasião de sua morte (HAUBOLD; STEELE; STEVENS, 2019, p. 8; HAUBOLD, 2019; VISSCHER, 2019).

Agora, nos direcionaremos para a análise dos diários com o intuito identificar as intervenções de Alexandre e, principalmente, do Império Selêucida, assim como as maneiras deles se relacionarem com a elite sacerdotal local.

3 O contato entre o império e a elite local através dos diários

O avanço das tropas de Alexandre foi cuidadosamente registrado nos diários, a pesar do estado fragmentário. O diário do ano 331 AEC apresenta as primeiras mensagens e comitivas de Alexandre que chegavam à Babilônia. Vejamos:

⁹ A nomenclatura “AD -‘data’” foi utilizada pela publicação de Hunger e Sachs em 1988, a qual comentaremos na última parte do texto. Os autores adotam a numeração do ano astronômico, que inclui o ano 0; por isso, os anos anteriores à Era Comum, indicados por um sinal de “-”, equivalem a um ano a menos na contagem tradicional. Logo, AD -567 = Diário Astronômico do ano 568 a.C., AD -330 = Diário Astronômico do ano 331 a.C.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

7

Nesse mês, no dia 11, [houve] pânico no campo frente ao rei [...]. Ficou(?) em frente ao rei. No dia 24, na manhã, o rei do mundo [...] estabelecido(?) [...]. Eles lutaram entre si, e uma grande(?) derrota das tropas de [...] as tropas do rei o desertaram (AD -330, obv. 14'–18').

Nesse mês, do primeiro dia ao [... um mensageiro] veio à Babilônia e disse: "Esagila [...]" e os cidadãos da Babilônia para as propriedades de Esagila [...]. No dia 11, em Sippar, uma ordem de Al[exandre, rei do mundo, foi enviada aos habitantes?] "eu não entrarei nas suas casas". No dia 13, [...os gregos se apresentam?] no? portão externo de Esagila e [...]. No dia 14, Esses? gregos [sacrificam?] um touro com pouca gordura [...] Alexandre, rei do mundo, [dirigiu-se(?) à] Babilônia [... cav]alos e equipamentos de [...] e os residentes da Babilônia e as pessoas de [...] uma mensagem para [...] (AD -330, rev. 3'–14').¹⁰

O início do diário relata a batalha de Gaugamela, um dos principais confrontos entre Alexandre e Dario III. Na primeira parte (obv. 14'–18'), vemos ainda o termo “rei” (*šarru*), aparentemente, referir-se ao monarca persa; enquanto, na segunda parte (rev. 3'–14'), o termo “rei da totalidade” (*šar kiššati*) designar Alexandre. A mudança de referência — do monarca persa ao macedônico — indica o reconhecimento da vitória de Alexandre pelos babilônios. Ainda na segunda parte, foi relatada a chegada de uma mensagem, a qual menciona ao templo de Esagila. Em seguida, alguns dias depois, outra mensagem relata a declaração que Alexandre não entrará nas casas ou templos locais (O logograma sumério utilizado é “E₂”, que pode significar “casa” ou “templo”). Até aqui, tudo indica um processo de negociação e diplomacia, com o rei oficializando os tratados de paz e/ou rendimento da cidade.

Nas próximas linhas, as negociações parecem prosseguir com a recepção de gregos (*iamanāya*) — nome genérico para se referir a alguns povos do Egeu, inclusive os macedônios — no portão de Esagila. A referência ao espaço do encontro é importante. Esagila, sendo um enorme complexo templário, inclui, além do renomado templo de Marduk, o templo de Ištar (Eturkamma), as bibliotecas e arquivos de Esagila, o tesouro do santuário (*bīt bušê*), um edifício dedicado à tomada de decisões e debates (*bīt milki*), um lugar dedicados aos julgamentos (*bīt dayyāni ša bīt ilāni*) e um jardim que entorna

¹⁰ As traduções foram realizadas a partir da transliteração do acadiano e tradução para o inglês de Hermann Hunger e Abraham Sachs (1988). Como material de consulta para a tradução a partir do acadiano, utilizamos o *The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago* (CAD) e o projeto *Astronomical Diaries Digital*, hospedado no Oracc (Open Richly Annotated Cuneiform Corpus), que disponibiliza uma versão digitalizada da publicação de Sachs e Hunger, Disponível no link: <http://oracc.museum.upenn.edu/adsl/> (Acessado em 16/07/2021).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

8

esses edifícios (CLANCIER; MONERIE, 2014, p. 195–197). A circulação entre esses edifícios era um ato reservado aos iniciados (*ērib bīti*), logo, a entrada dos agentes imperiais no templo seria um ato de profanação. O diário relata que os macedônios/gregos se apresentaram em algum dos portões do templo, sendo o mais provável o portão principal, chamado de *kasikilla*. A recepção nesse espaço não é algo inesperado, já que, além de um lugar cerimonial, os portões também são tradicionalmente utilizados para o encontro entre os agentes imperiais e os integrantes do templo (CLANCIER, 2012, p. 312–314; GEORGE, 1992, p. 90–91). No decorrer do diário, a própria chegada de Alexandre é relatada, acompanhada de sacrifícios realizado pelos gregos.

As menções a Esagila, ao espaço de negociação e aos sacrifícios podem indicar, além do respeito às instituições locais pelos macedônios, que a elite templária teria um papel importante no processo de integração da Babilônia ao novo império. A atuação dos sacerdotes como mediadores políticos é algo aparente em uma outra fonte que relata o mesmo evento, como veremos a seguir.

Quando Alexandre saiu de Arbela, ele avançou diretamente em direção à Babilônia; e quando ele não estava longe dessa cidade, colocou seu exército em formação de batalha e marchou adiante. Os babilônios vieram em massa e o encontraram, com seus sacerdotes e governantes, cada grupo trazendo seus presentes, e ofereceram a rendição da cidade, a cidadela, e do tesouro. Entrando na Babilônia, Alexandre comanda que os babilônios reconstruam todos os templos que Xerxes tinha destruído, especialmente o de Bēl, aquele do deus que os babilônios mais reverenciavam. (Arriano, Anab., III, 16, 3-4 traduções E. J. Chinnock, modificada).

O trecho de Arriano (Anab., III, 16, 3), apesar de não mencionar os contatos diplomáticos por mensagens vistos nos diários, relata a chegada de Alexandre de forma similar, e pode servir como uma fonte de conjecturas possíveis, mas longe de serem confirmadas, para complementar as partes fragmentadas do trecho anterior. A referência dos babilônios vindo em massa para receber Alexandre é semelhante às linhas finais do diário, mencionando as pessoas e os residentes da Babilônia (*mār babilī*) após a chegada de Alexandre. Uma informação adicional de Arriano é a menção aos sacerdotes (*ἱερεῖσι*) como um dos receptores do monarca e como aqueles que oferecerem (*ἐνδιδόντες*) a rendição da cidade e o tesouro do templo.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

9

O trecho seguinte (Arriano, *Anab.*, III, 16, 4) revela a boa vontade de Alexandre com os locais, possivelmente em resposta à rendição pacífica da cidade. Sua ordem de restauração do templo de Marduk (também referido como Bēl) pode ser correlacionada com as menções de Esagila nos diários. Mas, sobretudo, Arriano pretende representar a atitude de Alexandre como um contraponto à de Xerxes, que, devido às insurreições da cidade em 484 AEC, aplicou diversas repressões à Babilônia (BOIY, 2004, p. 101–103). Ainda é uma questão aberta se Xerxes ordenou a destruição do complexo templário ou cortou os incentivos para as manutenções regulares, fazendo o complexo decair progressivamente. Todavia, a queda da produção textual é um indício que o impacto das repressões foi significativo (ROBSON, 2019b, p. 173–180; WAERZEGGERS, 2003, 2018). Alexandre possivelmente se aproveitou dessa situação para se apresentar como oposto à política anterior.

Até aqui, vimos a diplomacia e os contatos aparentemente pacíficos entre Alexandre e os locais, assim como a relevância dada aos sacerdotes, no sentido tanto de sua atuação como mediadores e representantes políticos locais quanto das reformas e sacrifícios do templo. Agora, passaremos para o diário de 274 AEC, no reino de Antíoco I, filho de Seleuco, para observar se as relações identificadas permanecem.

Esse mês, o vice general que o rei apontou? para a Babilônia entrou na cidade da Babilônia. No dia 21, o general deu um boi e [...] ovelha(s) para a oferenda de Bēl aos açougueiros de Esagila, e ele foram sacrificados para Bēl (AD -273B, obv. 11'-12').

Os cidadãos da Babilônia foram a Selêucia no Tigre. Nesse mês, o satrapa da Babilônia [...] a terra que tinha sido dada no ano 32 ES (290/289 AEC) a comando do rei para o sustento do povo da Babilônia, Borsippa e Cuta. Bois, ovelhas e tudo das [cidades] e centro religiosos, a comando do rei, diante dos cidadãos [...] da casa do rei, ele fez?. Nesse ano, muitos tijolos foram moldados acima e abaixo da Babilônia para a reconstrução de Esa[gila] (AD -273B, rev. 36'-38').

No final do segundo trecho, percebemos a referência aos tijolos moldados “acima e abaixo da Babilônia” dedicados à reconstrução do mesmo templo que Alexandre mandara reconstruir, segundo Arriano. Apenas com esse trecho, nada parece sugerir um apoio real selêucida para a empreitada, contudo, se a referência dos tijolos moldados “acima” (*elēnu*) da Babilônia pode ser entendida como fora dessa região, outra fonte

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

10

cuneiforme, denominada Cilindro de Antíoco, pode ser útil.¹¹ O cilindro, que é escrito representando a fala em primeira pessoa de Antíoco, narra como se segue: “Quando eu decidi reconstruir Esagila e Ezida, eu modelei os tijolos de Esagila e Ezida na Síria (*ḥatti*)” (6’–10’). Desse modo, o diário pode estar se referindo ao apoio real selêucida na reforma do templo enviando os materiais necessários, algo que também é atestado na crônica da ruína de Esagila (BCHP 6).¹²

O início do mesmo trecho descreve uma comissão de babilônios destinada à capital do império no período, i.e., Selêucia no Tigre, alguns quilômetros ao norte da Babilônia. Essa comitiva era formada por membros do concelho do templo de Esagila, com o intuito de receber e responder uma mensagem enviada pelo rei concernindo uma doação de terra (Cf. CLANCIER, 2012, p. 320; SPEK, 1993b, p. 97–98). Essa doação de terra é mais detalhada no texto que ficou conhecido como tablete de Lehmann (Cf. SPEK, 1993a, p. 69–70), e também podemos considerá-la como mais um benefício da coroa à cidade. Além disso, a comitiva formada principalmente pelos membros do templo aponta para a importância deles como representantes políticos da cidade e para o seu papel como intermediários entre o império e a comunidade local.

A casa do rei (*bīt šarri*), mencionada após os animais destinados ao templo, é uma referência imperial, sendo o nome acadiano dado à instituição selêucida denominada *Βασιλικὸν*. Nas fontes Babilônicas, ela é apresentada com a função de gerir as terras da coroa e controlar a distribuição de mantimento tanto para as atividades do templo quanto para a subsistência de alguns de seus integrantes (CLANCIER, 2012, p. 318–319; CLANCIER; MONERIE, 2014, p. 201–202, 205–206). A partir disso, podemos perceber que o império, além tomar essa elite como a representante política local, instaura aparatos para geri-la e controlá-la, assim como, possivelmente, pressioná-la quando necessário. Outra evidência para o controle real é a menção ao vice-general (*rab uqu šanû*) da satrapia da Babilônia, apontado pelo próprio sei Antíoco I, que adentra a cidade. Mesmo com a

¹¹ A tradução utilizada aqui é a de Kathryn Stevens, disponível em: <http://oracc.org/ribo/Q004179/> (Acessado em 20/07/2021)

¹² Traduzida por I.L. Finkel, R.J. van der Spek e R. Pirngruber, disponível em: <https://www.livius.org/sources/content/mesopotamian-chronicles-content/bchp-6-ruin-of-esagila-chronicle/> (acessado em 20/07/2021).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

11

sua visita pacífica, resultando na oferenda aos açougueiros (*tābiḥu*) do templo, o império precisa se fazer presente e materializado no local através da visita regular de seus agentes e fiscais. Vejamos mais um caso de um agente imperial.

Nesse mês, no dia 6, um habitante da Babilônia, um joalheiro, o irmão do *šatammu* de Esagila, que em seu lugar realizou os deveres administrativos, foi a ele confiado ao ofício de *zazakku*, por uma mensagem do rei (AD -168A, rev. 12'-13').

No dia 13, os ladrões [...] foram inqueridos no tribunal do templo frente ao representante do *šatammu* e dos juízes do templo, no espaço de interrogação, e foram julgados culpados. Nesse dia, eles foram queimados (AD -168A, rev. 17'-18').

Esse diário mais tardio, de 169 AEC, durante o reinado de Antíoco IV, retrata bem a influência do rei ao indicar e cooptar a elite local para cargos imperiais. O irmão do *šatammu* — chefe do templo, a função política e religiosa mais importante entre a elite local — que, de acordo com a fonte, cuidou da administração do templo no seu lugar, foi indicado por Antíoco IV. O posto a ele confiado, de *zazakku*, representa um importante cargo imperial, que supervisiona as finanças do templo (BOIY, 2004, p. 210). No trecho seguinte (rev. 17'-18') ele ocupa uma outra posição elevada, como representante (*kūm*) do *šatammu*, ao condenar, conjuntamente com os juízes do templo (*dayyānu ša bīt ilāni*), os ladrões à morte. O acúmulo de poder desse cargo, advindo tanto da indicação real quanto do laço familiar e tradicional local, faz com que Antíoco IV tenha um alto controle do templo; algo estratégico para esse rei, já que ele precisava de finanças face às represálias de Roma e à guerra contra os Ptolomeus (BOIY, 2004, p. 159-162; VISSCHER, 2019, p. 248-249).

O *zazakku* tem uma função muito parecida com o *paqdu* — um termo geral do acadiano para designar uma pessoa de confiança ou alguém que foi delegado a um cargo — que no período selêucida atua como um representante real no meio do santuário. Diferentemente do *zazakku*, que aparece apenas nos documentos selêucidas tardios, o *paqdu* é identificado durante os primeiros imperadores (CLANCIER, 2012, p. 315). Num conjunto de textos relativos aos registros econômicos do templo,¹³ um *paqdu* chamado Belšunu é relatado como ocupando um cargo abaixo apenas do *šatammu* na hierarquia

¹³ Publicados na parte 49 do *Cuneiform Texts from Babylonian Tablets in the British Museum* (Cf. KENNEDY, 1968), aqui citado como “CT 49” seguido da numeração do texto conforme a publicação.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

12

local, durante o governo de Antíoco II (CT 49 117, 118, 122, 123, 182). Nesses textos, ele é indicado como o “*paqdu* de Nikanor”, Nikanor era provavelmente um *ὁ ἐπὶ τῶν ἱερῶν*, posto responsável por controlava as finanças de diversos templos em contato com os supervisores locais, chamados de *ἐπίσκοπος* — sendo possivelmente o nome grego para o que os babilônios denominavam de *zazakku* e *paqdu* (CAPDETREY, 2007, p. 324–326; CLANCIER, 2012, p. 316; CLANCIER; MONERIE, 2014, p. 204).¹⁴

Vimos até aqui a existência de instituições e cargos imperiais, que foram prontamente traduzidos para a língua local (*Βασιλικὸν* para *bīt šarri* e *ἐπίσκοπος* para *zazakku* ou *paqdu*). Os nomes locais escolhidos para traduzir os termos chamam a atenção, pois muitas vezes representam cargos que existiram nos impérios babilônicos anteriores. O *zazakku*, por exemplo, já era atestado no Império Neobabilônico transmitindo as ordens do rei aos templos e intervindo nas situações de urgência, como atestado em Nippur durante o governo de Nabonido (CLANCIER, 2012, p. 317; DANDAMAYEV, 1993; JOANNÈS, 1994). Igualmente, o posto de *paqdu* foi provavelmente criado no período neobabilônico por Nabonido, ao eleger os *ša rēš šarri bēl piqitti*, ou seja, os supervisores do templo confiados pelo rei (CLANCIER; MONERIE, 2014, p. 204; KLEBER, 2008, p. 12–17).

O uso do vocabulário administrativo e imperial do acadiano para nomear os oficiais selêucidas ocorreu, muito possivelmente, pela analogia com cargos anteriores.¹⁵ Logo, podemos nos perguntar se não seriam esses casos evidências fortes para a continuidade entre os impérios, prontamente percebida pelos locais. Na minha visão, uma análise mais cuidadosa tenderá a responder à questão de forma negativa. Como bem percebe Clancier (2012, p. 317–318), o *zazakku* no período helenístico, atuando de forma semelhante ao *paqdu*, está ligado e subordinado de uma forma mais direta e intensa ao rei, assim como acumula diversos poderes, presidindo as cortes jurídicas e controlando o tesouro do templo; enquanto que, no período neobabilônico, eles parecem atuar como mediadores entre o palácio e o templo. No caso helenístico, não podemos ignorar que a

¹⁴ Um outro *ὁ ἐπὶ τῶν ἱερῶν* de Antíoco III, também chamado Nikanor, tem sua trajetória melhor documentada (Cf. MA, 1999, p. 139, 145–146).

¹⁵ A opção de simplesmente transliterar os nomes gregos para o acadiano existia, como o que foi realizado com *πολιῖται*, escrito nos textos como *puliṭū* (AD -168A, obv. 15’).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

13

Babilônia e os Selêucidas integram o contexto agonístico de um mundo multipolar, emergindo através da rede de dinastias macedônicas em competição (ECKSTEIN, 2006, p. 1–11; ERRINGTON, 2008, p. 8–9; FOX, 2011, p. 4). Como comentamos, as guerras de Antíoco IV com outros impérios incentivou o monarca a intervir no tesouro dos templos — atestado também em I Macabeus (7–28). Essas intervenções, muito possivelmente, ocorreram com certa recorrência nas ocasiões em que o Império precisava reunir recursos para as suas campanhas. A manutenção de canais para o acesso e, por vezes, controle dos locais, através de certos agentes e instituições apresentados, era uma necessidade para o funcionamento do império. Claro, isso não poderia se dar apenas pela via da repressão, a anexação ao império também teria que oferecer certas vantagens aos locais. Os exemplos que vimos aqui envolvem a legitimação dada pelo rei a certo grupo para atuar como representantes políticos (i.e., a elite sacerdotal de Esagila), assim como os benefícios através de reformas dos edifícios e a doação de terras e bens.

Por último, ainda quero deixar em aberto o seguinte ponto: se o uso do vocabulário imperial mais antigo aplicado aos selêucidas não aponta para uma simples continuidade entre os impérios, ele também não indica para uma ruptura total. A apropriação do vocabulário imperial parece funcionar através de analogia entre os pontos semelhantes (mas não iguais) existente entre as estruturas de domínio encontradas em diversos impérios pré-modernos. Não é algo improvável conceber sistemas e estratégias mais ou menos constantes utilizadas pelos grandes impérios para manter um controle das diversas regiões, dadas as limitações tecnológicas e logísticas da antiguidade (Cf. MANN, 2012, p. 73–178). A cooptação das elites locais, a divisão em províncias e o emprego tanto de instituições quanto de agentes (fixo e móveis) para a fiscalização são alguns exemplos desses sistemas (ANDO; RICHARDSON, 2017; BANG; BAYLY, 2011; LAVAN; PAYNE; WEISWEILER, 2016). Dentro dessas estruturas imperiais, a Babilônia tem vivência milenar e isso poderia ter resultando em algo que podemos considerar um repertório imperial — entendido como a compreensão e acúmulo de experiências e expectativas sobre o funcionamento e estratégias dos impérios — imbuído na sua cultura e prática social. Os textos que registram, acumulam, remanejamos e transmitem esse repertório são justamente aqueles copiados por milênios pela elite letrada do templo. Os

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

14

diários, que se estendem por meio milênio da história babilônica, é apenas um corpus entre os textos literários e historiográficos que registram esse repertório. Ainda temos as crônicas babilônicas, os épicos históricos, as profecias, as inscrições reais, os textos ominosos, entre outros.¹⁶

Teria esse repertório dado vantagens nas negociações da elite babilônica com os selêucidas? Ele teria influenciado os incentivos materiais e a atitude diplomática por parte da corte? Como um primeiro passo para responder essas perguntas, seria preciso investigar a fundo os textos que compõem esse repertório, percebendo as diversas camadas históricas e reformulações do passado realizadas tanto no momento de sua confecção quanto de transmissão; além disso, precisaríamos perceber a agência desses textos nos respectivos contextos em que são engajados, através dos seus diferentes usos e leituras. Esses passos, claro, ficarão para um outro momento.

4 Bibliografia

- ANDO, C.; RICHARDSON, S. F. C. (EDS.). **Ancient states and infrastructural power: Europe, Asia, and America**. First edition ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2017.
- BANG, P. F.; BAYLY, C. A. (EDS.). Tributary Empires – Towards a Global and Comparative History. In: **Tributary empires in global history**. Cambridge imperial and post-colonial studies. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2011. p. 1–20.
- BEVAN, E. R. **The House of Seleucus: A History of the Hellenistic Near East Under the Seleucid Dynasty**. [s.l.] Ares, 1902.
- BOIY, T. **Late Achaemenid and Hellenistic Babylon**. Leuven ; Dudley, MA: Peeters, 2004.
- BRIANT, P. **From Cyrus to Alexander: a history of the Persian Empire**. Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2002.
- BRIANT, P. **Alexandre le Grand**. Paris: Presses Universitaires France, 2016.
- CAPDETREY, L. **Le pouvoir séleucide: territoire, administration, finances d'un royaume hellénistique (312 - 129 avant J.-C.)**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2007.
- CLANCIER, P. Le shatammu, l'assemblée de l'Esagil et les Babyloniens. In: KIRBIHLER, F. et al. (Eds.). **Communautés locales et pouvoir central dans l'Orient hellénistique et romain**. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 2012. p. 298–326.

¹⁶ Para um panorama dos gêneros mesopotâmicos e das edições e traduções disponíveis, Cf. Lenzi (2019), van de Mierop (1999), Holm (2007), Frahm (2011). Uma visão geral da cultura escríbal mesopotâmica, principalmente sobre o aspecto intelectual desenvolvido pelos letrados do templo, Cf. Lenzi (2016), van der Toorn (2009), Veldhuis (2014).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

15

- CLANCIER, P.; MONERIE, J. Les sanctuaires babyloniens à l'époque hellénistique. Évolution d'un relais de pouvoir. **Topoi. Orient-Occident**, v. 19, n. 1, p. 181–237, 2014.
- DANDAMAYEV, M. A. The Neo-Babylonian zazakku. **Altorientalische Forsch**, v. 21, p. 34–40, 1993.
- DROYSEN, J. G. **Geschichte der Hellenismus Geschichte der Epigonen**. [s.l.] F.A. Perthes, 1877.
- ECKSTEIN, A. M. **Mediterranean anarchy, interstate war, and the rise of Rome**. Berkeley: University of California Press, 2006.
- ERRINGTON, R. M. **A history of the Hellenistic world**. Malden, Mass: Blackwell Pub. Ltd, 2008.
- FOX, R. L. Alexander the Great: 'Last of the Achaemenids?' In: TUPLIN, C. (Ed.). . **Persian Responses: Political and Cultural Interactions with (in) the Achaemenid Empire**. Oxford: Classical Press of Wales, 2007. p. 267–312.
- FOX, R. L. The first Hellenistic man. In: ERSKINE, A.; LLEWELLYN-JONES, L. (Eds.). . **Creating a Hellenistic World**. [s.l.] Classical Press of Wales, 2011. p. 1–29.
- FRAHM, E. **Guides to the Mesopotamian Textual Record**. [s.l.] Ugarit-Verlag, 2011.
- GEORGE, A. R. (ED.). **Babylonian topographical texts**. Leuven: Departement Oriëntalistiek : Peeters, 1992.
- HAUBOLD, J. History and Historiography in the Early Parthian Diaries. In: HAUBOLD, J.; STEELE, J. M.; STEVENS, K. (Eds.). . **Keeping watch in Babylon: the astronomical diaries in context**. Culture and history of the ancient Near East. Leiden ; Boston: Brill, 2019. p. 79–119.
- HAUBOLD, J.; STEELE, J. M.; STEVENS, K. Introduction. In: HAUBOLD, J.; STEELE, J. M.; STEVENS, K. (Eds.). . **Keeping watch in Babylon: the astronomical diaries in context**. Culture and history of the ancient Near East. Leiden ; Boston: Brill, 2019. p. 237–268.
- HOLM, T. L. Ancient Near Eastern literature: genres and forms. In: DANIEL, S. (Ed.). . **A Companion to the Ancient Near East**. First Edition ed. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, Inc, 2007. p. 269–288.
- JOANNÈS, F. À propos du zazakku à l'époque néo-babylonienne. **Nouvelles Assyriologiques Brèves et Utilitaires**, p. 93–94, 1994.
- KENNEDY, D. **Cuneiform Texts from Babylonian Tablets in the British Museum, Part XLIX: Late Babylonian Economic Texts**. London: The trustees of the British Museum, 1968.
- KLEBER, K. **Tempel und Palast. Die Beziehungen zwischen dem König und dem Eanna-Tempel im spätbabylonischen Uruk**. Münster: AOAT 358, 2008.
- KOSMIN, P. J. **The land of the elephant kings: space, territory, and ideology in the Seleucid Empire**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2014.
- KUHRT, A.; SHERWIN-WHITE, S. M. **Hellenism in the East: The interaction of Greek and non-Greek civilizations from Syria to Central Asia after Alexander**. [s.l.] Duckbacks, 1987.
- LAMBERT, W. G. Nebuchadnezzar King of Justice. **Iraq**, v. 27, n. 1, p. 1, 1965.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

16

- LAVAN, M.; PAYNE, R. E.; WEISWEILER, J. (EDS.). **Cosmopolitanism and empire: universal rulers, local elites, and cultural integration in the ancient Near East and Mediterranean**. New York, NY: Oxford University Press, 2016.
- LENZI, A. Mesopotamian Scholarship: Kassite to Late Babylonian Periods. **Journal of Ancient Near Eastern History**, v. 2, n. 2, 1 jan. 2016.
- LENZI, A. **An introduction to Akkadian literature: contexts and content**. University Park, Pennsylvania: Eisenbrauns, 2019.
- MA, J. **Antiochos III and the cities of Western Asia Minor**. London ; New York: Oxford University Press, 1999.
- MA, J. Paradigms and paradoxes in the Hellenistic world. **Studi ellenistici**, v. 20, p. 371–386, 2008.
- MANN, M. **The sources of social power**. New York: Cambridge University Press, 2012.
- MONERIE, J. Notabilité urbaine et administration locale en Babylonie du sud aux époques séleucide et parthe. In: FEYEL, C. et al. (Eds.). **Communautés locales et pouvoir central dans l’Orient hellénistique et romain**. Nancy: Études Anciennes 47, 2012a. p. 327–352.
- MONERIE, J. Les communautés grecques en Babylonie (VII e - III e s. av. J.-C.). **Pallas**, n. 89, p. 345–365, 2012b.
- MONERIE, J. **L’économie de la Babylonie à l’époque hellénistique (IVème – IIème siècle avant J.C.)**. [s.l.] De Gruyter, 2018.
- MORALES, F. A.; SILVA, U. G. DA. História Antiga e História Global: afluentes e confluências. **Revista Brasileira de História**, v. 40, n. 83, p. 125–150, abr. 2020.
- MOYER, I. S. **Egypt and the limits of Hellenism**. Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 2011.
- NIEBUHR, B. G. **Vorträge über alte Geschichte, an der Universität zu Bonn gehalten**. [s.l.] Reimer, 1851. v. 3
- OELSNER, J. Kontinuität und Wandel in Gesellschaft und Kultur Babyloniens in hellenistischer Zeit. **Klio**, v. 60, n. 60, p. 101–116, 1 dez. 1978.
- ROBSON, E. Who wrote the Babylonian astronomical Diaries? In: JOHANNES HAUBOLD; STEELE, J.; STEVENS, K. (Eds.). **Keeping Watch in Babylon**. Leiden: Brill, 2019a. p. 120–153.
- ROBSON, E. **Ancient knowledge networks: a social geography of cuneiform scholarship in first-millennium Assyria and Babylonia**. [s.l.] UCL, 2019b.
- SHERWIN-WHITE, S. M.; KUHRT, A. **From Samarkhand to Sardis: a new approach to the Seleucid Empire**. Berkeley: University of California Press, 1993.
- SODEN, W. V. **Herrscher im Alten Orient**. Berlin: Springer Berlin, 2014.
- SPEK, R. J. VAN DER. New Evidence on Seleucid Land Policy. In: SANCISI-WEERDENBURG, H. et al. (Eds.). **De Agricultura. In memoriam Pieter Willem de neeve**. [s.l.] Brill, 1993a.
- SPEK, R. J. (BERT) VAN DER. The Astronomical Diaries as a source for Achaemenid and Seleucid History. **Bibliotheca Orientalis**, v. 50, p. 91–101, 1993b.
- STEVENS, K. **Between Greece and Babylonia: Hellenistic Intellectual History in Cross-Cultural Perspective**. Cambridge, United Kingdom ; New York, NY: Cambridge University Press, 2019.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

17

- STROOTMAN, R. **The Hellenistic Royal Court. Court Culture, Ceremonial and Ideology in Greece, Egypt and the Near East, 336-30 BCE.** PhD Thesis—[s.l.] Utrecht university, 2007.
- STROOTMAN, R. The Seleukid Empire between Orientalism and Hellenocentrism: Writing the History of Iran in the Third and Second Centuries BCE. p. 20, 2012.
- STROOTMAN, R. Hellenism and Persianism in Iran: Culture and empire after Alexander the Great. **Dabir**, n. 7, 2020.
- TOORN, K. VAN DER. **Scribal culture and the making of the Hebrew Bible.** 1. Harvard Univ. Press paperback ed ed. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2009.
- TUPLIN, C. The Seleucids and their Achaemenid predecessors. A Persian inheritance? In: DARBANDI, S. M. R.; ZOURNATZI, A. (Eds.). . **S.M.R. Darbandi & A.Zournatzi (eds), Ancient Greece and Ancient Iran: Cross-Cultural Encounters (Athens, 2009), 109-136.** Athens: National Hellenic Research Foundation, 2009. p. 109–136.
- VAN DE MIEROOP, M. **Cuneiform texts and the writing of history.** London ; New York: Routledge, 1999.
- VAN DER SPEK, R. J. The Babylonian temple during the Macedonian and Parthian domination. **Bibliotheca Orientalis**, v. 42, p. 541–562, 1985.
- VELDHUIS, N. Intellectual History and Assyriology. **Journal of Ancient Near Eastern History**, v. 1, n. 1, p. 21–36, 1 fev. 2014.
- VERSLUYS, M. J. **Visual style and constructing identity in the Hellenistic world: Nemrud Dag and Commagene under Antiochos I.** Cambridge ; New York, NY: Cambridge University Press, 2017.
- VISSCHER, M. S. Royal Presence in the Astronomical Diaries. In: HAUBOLD, J.; STEELE, J. M.; STEVENS, K. (Eds.). . **Keeping watch in Babylon: the astronomical diaries in context.** Culture and history of the ancient Near East. Leiden ; Boston: Brill, 2019. p. 237–268.
- VLASSOPOULOS, K. **Greeks and Barbarians.** Edição: 1 ed. [s.l.] Cambridge University Press, 2013.
- WAERZEGGERS, C. The Babylonian Revolts Against Xerxes and the “End of Archives”. **Archiv für Orientforschung**, v. 50, p. 150–173, 2003.
- WAERZEGGERS, C. The Network of Resistance: Archives and Political Action in Babylonia Before 484 BCE. In: WAERZEGGERS, C.; SEIRE, M. (Eds.). . **Xerxes and Babylonia : The Cuneiform Evidence.** [s.l.] Peeters, 2018. p. 89–134.
- WILLIAM, T. W. **The Greeks In Bactria And India.** London: Cambridge Univ. Press, 1938.